



APRESENTAÇÃO

A política do amador afirma que o cinema pertence a todos aqueles que, de uma ou de outra maneira, viajaram dentro do sistema de desvios que esse nome instaura, e que cada um se pode permitir traçar, entre este ou aquele ponto dessa topografia, um itinerário próprio, peculiar, o qual acrescenta ao cinema como mundo e ao seu conhecimento.

Jacques Rancière

Se Louis e Auguste Lumière, os irmãos franceses que realizaram a primeira projeção pública de apresentação do cinematógrafo em 28 de Setembro de 1895, são considerados os pais do cinema, foi outro francês, Georges Méliès, quem abriu uma nova possibilidade de agenciamento entre o real, o fictício e o imaginário, um novo jeito de contar histórias, através das *imagens em movimento*. Depois de assistir a exibição dos Lumière, Georges Méliès, mágico e ilusionista, encanta-se pela novidade, sendo o pioneiro no uso de atores, cenários, figurinos e maquiagem. Opondo-se ao empenho “documetarista” dos Irmãos Lumière, Méliès será o primeiro a desenvolver as potencialidades narrativas do cinema.

Conta-se que, certa vez, ao projetar uma cena quer rodara na Praça da Ópera, com uma câmara defeituosa, Méliès viu um ônibus transformar-se num carro. O defeito virará efeito. Já em *Escamotage d'une Dame chez Robert Houdin* (1896), quando Méliès filma uma



mulher sentada em um set de filmagem, com cenário de fundo pintado, e espera ela sair do quadro para depois filmar a cadeira vazia: na cena projetada. Visando aperfeiçoar o truque, Méliès, que no curto filme interpreta um elegante ilusionista, substitui a mulher por um esqueleto humano, criando um jogo de aparição e desapareição, que fará a alegria do público dos seus primeiros filmes. Começava, nesse acidente de percurso, um capítulo importante na construção da imagem cinematográfica.

Do interesse inicial em se criar o ilusionismo – a partir de técnicas de fotografia, maquiagem, decupagem mínima – para impressionar os primeiros espectadores, George Méliès passa a investir no intento de narrar histórias com as imagens projetadas pelo cinematógrafo. Para tanto, o precursor francês buscará na literatura os modelos narrativos com os quais dialoga e dos quais se distancia. Duas de suas adaptações de textos literários para a tela são bastante lembradas: *Cinderella* (1899) e *Le Voyage dans la lune* (1902). Ter-se-ia, aí, uma primeira possibilidade de contato do cinema com a literatura. Desde então, o cotejo, a referência mútua entre as artes foi frequente, porém, as formas de interação, interseção e diálogo com que ambos foram dinamizando esse campo de relações ao longo do tempo não se circunscreve à incorporação de modelos narrativos pelo cinema.

Concomitante a esse movimento intercambiável promovido pelas duas artes, no campo dos estudos literários, ganham relevo a pesquisa formal e o privilegiado diálogo com textos advindos de outros sistemas semióticos, em especial o cinema. Assim, com o próprio desenvolvimento do discurso ficcional e com a intensificação do diálogo entre as artes, aliados às modificações trazidas pelo uso de técnicas industriais na produção artística, os estudos literários foram levados cada vez mais a refletir sobre as relações entre as artes, o que

se convencionou chamar de Estudos Intersemióticos,¹ muitas vezes tomados como uma linha de pesquisa atrelada à área da literatura comparada.

Este Dossiê *Literatura: Cinema*, portanto, propõe um diálogo transdisciplinar enfocando temas e recortes variados, sendo uma contribuição relevante para esse campo de pesquisas, ao reunir trabalhos expressivos que traduzem algumas das interseções entre literatura e cinema sensíveis à contemporaneidade. É significativo o encontro de vozes de pesquisadores advindos de nove diferentes instituições de ensino superior e oito programas de pós-graduação, o que vem dar visibilidade e maior credibilidade aos Estudos Intersemióticos, em especial, nas universidades do país.

Os trabalhos incluídos neste volume abordam, nunca isoladamente, a literatura e o cinema em diferentes perspectivas. Como se poderá comprovar, o conjunto é variegado. Estudiosos advindos de instituições e de áreas de atuação diferentes, atentos às interfaces entre as disciplinas, vieram contribuir para o debate proposto, com intervenções, muitas vezes provocativas, que tratam o diálogo Literatura/ Cinema sob ângulos e perspectivas teóricas múltiplas.

Abrindo o Dossiê, o artigo “Figurando Emma Bovary: uma leitura íntima de sua representação em Flaubert e Chabrol”, de Ana Cláudia Munari Domingos, examina a figuração da personagem Emma Bovary no filme de Claude Chabrol, em uma leitura bastante pessoal do

¹ Desde as últimas décadas do século XX, a noção de intermedialidade ganhou abrangência no espaço acadêmico, sendo utilizada para designar, de modo mais abrangente, os estudos que propõem um cruzamento entre as artes, mídias e comunicação. Este campo de estudo caracteriza-se pelo caráter transdisciplinar, propiciando um diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas do saber, em especial os estudos literários, as artes cênicas, as artes plásticas e visuais, a música e cinema.

diálogo do filme com o romance de Gustav Flaubert. Por sua vez, no artigo “*Querô: distorções e espelhamento*”, André Luís Gomes e Helciclever Barros da Silva Vitoriano chamam atenção para as potencialidades do romance *Querô – uma reportagem maldita* e da peça teatral homônima, ambos de autoria de Plínio Marcos, para uma reflexão sobre as possibilidades de transposição fílmica, tomando como ponto de partida a temática especular.

Em “Como filmar a *Odisseia*? Godard e o filme de Lang”, Celina F. Lage propõe a leitura de algumas imagens do filme *O Desprezo*, de Jean-Luc Godard, tendo em vista o diálogo que este estabelece com a *Odisseia*, de Homero, em especial através do artifício do “filme dentro do filme”. O quarto artigo, “Por uma educação dos sentidos: as realizações artísticas de Luiz Fernando Carvalho”, de Cristiane Passafaro Guzzi e Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan, ressalta o processo de reeducação dos sentidos perpetrado pelas produções audiovisuais televisivas *Hoje é dia de Maria*, *Capitu* e *A pedra do reino*, de Luiz Fernando Carvalho. Processo esse que coaduna com as experiências do diretor no cinema, em especial no longa *Lavoura Arcaica*.

A partir da adaptação cinematográfica de *A tempestade*, de William Shakespeare, realizada por Paul Mazursky no início da década de 1980, Glória Elena Pereira Nunes, no artigo “A América em crise na *Tempestade* pós-moderna de Paul Mazursky”, discuti as noções de autorreferencialidade e quebra do ficcional. Seguindo na mesma direção, ao discutir uma adaptação fílmica de uma peça de Shakespeare, o artigo “A exacerbação da violência em *Ricardo III*: De Shakespeare à Mckellen” Luiz R. Zanotti, focaliza o filme *Ricardo III*, de Richard Loncraine, dando ênfase ao trabalho do ator Ian Mackellen, que além de interpretar o papel principal, atua como co-roteirista e produtor executivo do filme. Na análise, o autor ressalta a



representação da violência e o diálogo entre gêneros cinematográficos distintos.

Outra contribuição para este Dossiê é o artigo “Intertextualidades, símbolos e mitos entre o romance *Mygale* e o filme *A pele que habito*”, de Maria Cláudia Rodrigues Alves e Maria Celeste Tommasello Ramos, que, como o seu título evidencia, propõe uma análise da adaptação do romance *Tarântula*, de Thierry Jonquet, realizada por Pedro Almodóvar, a partir dos mitos e símbolos inseridos na narrativa fílmica.

Finalizando, Samantha Borges e André Soares Vieira, no artigo “Literatura comparada e adaptação cinematográfica: a marcha de *Soldados de Salamina*”, contribuem com uma leitura detalhada do desenvolvimento da Literatura Comparada a partir do século XX até os desdobramentos contemporâneos com as teorias ligadas às adaptações intersemióticas, tendo como objeto de análise o livro de Javier Cercas e o filme David Trueba.

Desses breves comentários acerca das contribuições que compõem este Dossiê, podemos constatar a gama de temas e possibilidades de abordagens contempladas pelos autores sobre essa vasta seara que envolve as relações entre a literatura e o cinema. Acreditamos que, através deste *Literatura: Cinema*, a *Caderno Seminal Digital*: vêm não apenas reafirmar seus compromissos com a prática e a circulação de diferentes saberes e discursos como também estimular reflexões e interlocuções no âmbito do campo dos Estudos Literários, abrindo-se, cada vez mais, á prática profícua da interdisciplinaridade,

Leonardo Francisco Soares (UFU)
Flávio Garcia (UERJ)

